

Abstract

Buscando um entendimento à confecção do O livro Vermelho de C.G. JUNG, pela via da alquimia à elaboração de um códice. O aprofundamento do seu caminho psíquico, sua ontologia impressa em um livro. Pode-se assim encontrar sua linguagem e sua estética.

Palavras chaves: Pedra filosofal, alquimia, cosmologia, sincronicidade, vaso crâneo, livro, mito ideia.

Abstract

Seeking to understand the making of The Red Book C.G. JUNG, by way of alchemy to the development of a codex. The deepening of their psychic path, its ontology printed in a book. so can-find its language and aesthetics.

Key words: Philosopher's Stone, Alchemy, cosmology, synchronicity, vase skull, book, myth idea.

O LIVRO VERMELHO, a cosmologia impressa de JUNG.

1- A importância do Códice para a Opus Alquímica.

Uma das vias pertinentes para o entendimento do Livro Vermelho é aludi-lo com o processo da Opus alquímica ou Opus Magna como também é chamada, que é o trabalho dos alquimistas para a obtenção da Pedra Filosofal. Pois parece que de forma inconsciente, intuitiva e por sincronicidade digamos, Carl Gustav Jung acaba usando este processo simbolicamente na formação da obra do Livro Vermelho, fato que ele mesmo foi entender melhor posteriormente (obscurum per obscurum, expressão alquímica). Lembrando porém, que seu primeiro contato com textos alquímicos se deu em 1910 e as atividades em relação ao Livro Vermelho tomam força entre 1913 indo até 1930, podemos entender com isso, que o Livro Vermelho e a alquimia tem uma relação causal.(SHAMDASANI, L.V. p.219) Mas foi a partir desta tomada de consciência, de que a psique segue os mesmos passos dos símbolos alquímicos no processo da individuação, que muito da sua busca se esclareceu e influenciou a psicologia analítica de forma determinante. Na elaboração da Opus Alquímica, em suas etapas, são revelados uma seqüência de símbolos; os símbolos Alquímicos que compõem todo o processo. A proposta é perceber que Livro Vermelho segue uma conduta alquímica, e é a Obra onde Jung formaliza o seu

caminho pessoal rumo à individuação¹. Falaremos melhor sobre o processo de individuação e com mais profundidade, nos capítulos seguintes, veremos agora a função do Códice na Obra Alquímica.

O homem civilizado, que criou seu novo modelo de natureza, esbarra sempre em um não pertencimento de si próprio e na não identificação da própria vida, cria e reconhece o livro como objeto do seu conhecimento. Um dos possíveis caminhos ao retorno deste Si-mesmo é a linguagem simbólica que pertence também ao mundo ontológico, ao eterno e a cosmogonia. Como a alquimia é um processo de acelerar os fazeres da natureza in laboratório, ela precisa não só das misturas de matérias e cadinhos, necessita de uma linguagem que seja também pertencente a tal técnica como também a sua época. O livro então, tornou-se este “símbolo lingüístico.”

Para os alquimistas o livro é a formalização da Obra Alquímica ou *Opus*. Os alquimistas tinham por práxis a elaboração textos e de livros, que comumente os chamavam de Líber, como objeto das técnicas da Arte Alquímica, e que possuíam uma linguagem própria e hermética, muitas vezes eles união seus textos com iluminuras na formação destes códices. Sendo assim, podemos entender que Jung também utiliza O Livro Vermelho, como seu laboratório e seu santuário.



(Figura 3) Imagem do Alquimista em seu laboratório como um santuário.

É apropriado fazer aqui uma analogia entre a elaboração do códice, com o elemento mítico, a “Pedra Filosofal” ou “*Lápis Philosophorum*,” ou também como Ouro Filosofal, o qual era um dos principais objetivos e objeto de desejo dos alquimistas.

¹ Termo usado na Psicologia Analítica para o processo de desenvolvimento da personalidade.

Acreditava-se que com ela, podia-se transmutar qualquer metal inferior em ouro e também seria possível obter o elixir da longa vida, permitindo prolongar a vida indefinidamente. As pedras filosóficas não teriam uma forma física definida, mas mesmo assim é relacionada com a forma circular e com a cor vermelha. Como também encontra-se a representação de um “templo” na pedra, como indica Jung em Estudos Alquímicos; “O templo como um monólito é evidentemente uma paráfrase da lápis. A fonte que jorra dentro dele é a fonte da vida, o que sugere que a produção da totalidade redonda da pedra é uma garantia de vivificação.” Ele segue ainda dizendo que “da mesma forma, a luz que brilha no interior da pedra significa a *iluminatio* ligada à inteireza. Iluminação é ampliação da consciência.”(JUNG, O.C.13, §112) Von Franz salienta este fato dizendo que:

“Os alquimistas também se esforçavam desde o início para produzir esse corpo diamantino ou glorificado, e os alquimistas cristãos o identificaram desde o começo com o corpo glorificado. Para construí-lo, para confeccionar a chamada Pedra Filosofal, deve-se repetir todo o processo de criação.” (VON FRANZ, 2003 p.303)

Sendo assim, a atividade que se relacionava com a Pedra Filosofal era chamada pelos alquimistas de “A Grande Obra” ou *Opus Magna* e a real finalidade de se alcançar a Pedra era adquirir sabedoria(*Sophia*), uma espécie de iluminação gnóstica. Partindo deste pré-suposto, proponho observar o Livro feito pelos alquimistas; como o representante simbólico da Pedra Filosofal. Veremos mais adiante, nos processos e etapas da Arte Alquímica, como o códice, o movimento de fazer um livro parece colaborar para a organização psíquica necessária para o processo de individuação, que também é uma ampliação da consciência. Partindo deste pré-suposto, acredito que Jung dedica-se em seu Livro Vermelho como um “vaso”² no qual ele pode trabalhar seu psiquismo, o que o leva em direção à individuação.

A “pedra” é também um dos símbolos do Self³ e por isso também é vista como um “vaso” onde tem em seu potencial transformador a força criativa, por onde a obra

² O vaso é indicado aqui como um recipiente para a alquimia psíquica acontecer.

³ Self: O centro organizador de onde emana a ação reguladora do nosso sistema psíquico, Poder-sei-a denominá-lo também de inventor, organizador ou fonte das imagens oníricas.(JUNG, 1977, p.161)

alquímica deve acontecer. Em seu livro, Estudos Alquímicos Jung afirma que a “Pedra contém e é o próprio *si-mesmo*” (JUNG, O.C.13, §115). Uma outra comparação importante da pedra é a com o Santo Graal, um “cálice” onde se pode beber da fonte da sabedoria.

No Líber quartorum,⁴ temos um texto que induz que a grande transformação está na cabeça, sendo portanto um processo psíquico.(JUNG, O.C.13, §117) “O vaso deve possuir a forma redonda⁵, como o artista desta obra, ser um transformador do firmamento e da calota craniana, como a coisa necessita da natureza simples.”(Ibid., p.90 cit151)

Jung indica que nos símbolos alquímicos, encontramos a forma do crânio humano como vaso, isso indica que o uso do pensamento e intelecto fazem parte significativa no processo da *Opus*. Em Jung lemos: “Assim sendo, o *Líber quartorum* recomenda que se use o “occiput”, isto é, a parte posterior do crânio humano como vaso de transformação, por nele estarem contidos o pensamento e o intelecto.” (JUNG, O.C.12, §376)

Segundo Neumann; “Os vasos de morte e transformação do mundo inferior também tem formato de crânios” e se encontram no simbolismo da fertilidade, do Grande Feminino. (NEUMANN, 2006, p.169) Como a alquimia está ligada a transformação e a sabedoria, ou Sophia, que por sua vez é representada pelo feminino, assim também como a forma do vaso e a do cálice, vê-se sentido nestes fatores do simbolismo da Grande Mãe que os povos primitivos sempre cultuaram.

Vide Ilustração alquímica do formato de crânio como vaso de transformação:

⁴ Livro alquímico de origem árabe que aparece entre os Secs III e IV e que contém também informações sobre geometria, fisiologia e astrologia.

⁵ Pode-se aludir a “forma redonda” com as *mandalas*, ou círculos mágicos.



(Figuras 4 e 5 Imagens alquímicas do formato do crânio como um vaso)

Podemos encontrar representações e interesse pelo crânio também em obras de artistas de diversas épocas, Didi Huberman por exemplo, em seu livro *Ser Crânio*, comenta trabalhos de artistas do Sec. XVI como os do Sec. XX que expõem o interesse pelo crânio, como Albert Dürer (1521), como também de Giuseppe Penone (1978). Na pintura de Dürer, *São Jerônimo* se tem um interesse na potência que é percorrida entre um crânio vivo, “cheio de pensamento em ato e uma caveira com suas cavidades escuras,” assim ele tece uma relação do crânio com a de um adro, átrio, “uma abertura”⁶ que de alguma forma, acredito, comunga com o pensamento alquímico, pois é neste “lugar do pensamento” neste interior, essa caverna, “que continua invisível a nossos olhos,” como ele diz; “*a mão do pensador se apóia no lugar de seu pensamento*” (vide pintura), região de dessemelhanças, ele ainda comenta dizendo que o crânio é também chamado de *têmpora inquieta*, que mobiliza questões ontológicas, como a busca de Deus. A caveira como uma calota; “Ela é o cálice humano que recolhe o sangue divino, o cálice de pecado que recolhe o fluxo de sua futura redenção”. Segue dizendo: “Ela é também, antes de tudo, o lugar-nomeado da morte de Cristo, um crânio topônimo, um lugar de fundação para uma religião inteira” (DIDI HUBERMAN, 2009, p.40).⁷ Assim, estes são signos do universo alquímico e parecem viver de forma anacrônica, independentes das épocas

⁶ Que por definição indica: Espaço aberto ou fechado que fica diante do portal de uma igreja.

⁷ A sequência de imagens que O L.V. apresenta também sugerem, camadas imagéticas ancestrais, tanto de Jung quanto da humanidade, isso pode conferir um caminho ao religare de Jung, a sua cosmologia pelo viés do livro.

em que foram percebidos pela primeira vez. Podemos identificá-los em uma representação do crânio em uma das iluminuras do L.V.:



(Figura 6) - Iluminura do L. V. correspondente ao Vaso Crânio, com metade submerso em água. São (Figura 7) Jerônimo Albrecht Dürer, 1521.

Existe inúmeras representações, que o poder divino no homem é representado pela cabeça, que por sua vez, também é reconhecida como sede do pensamento, do intelecto e até do psiquismo. Todas as imagens de santos possuem auréolas, ou a cabeça está envolta em uma luz. Essa “parte divina” se compreende que habita a cabeça⁸. Jung prossegue dizendo que;

As coisas são transformadas através do tempo e de definições mais precisas em intelecto, na medida que as partes são assimiladas umas às outras na composição e na forma. Mas por estar mais perto da ‘anima rationalis’ o cérebro assimilou-se à mistura e, como dissemos a anima rationalis é simples. (JUNG,1991, O.C. 12, p.279, § 376)

⁸ Arte medieval, a cabeça é ilustrada como esta luz divina.



(Figuras 8 e 9) Exemplos de pinturas medievais com a cabeça destacada por um halo dourado, indicando o ser espiritual, sagrado.

Neste comentário que Jung extraiu do *Líber Quartorum*, temos dois fatores que nos levam ainda com mais profundidade ao entendimento da importância do código; “As coisas são transformadas através do tempo”. Como o código é uma seqüência de “pensamentos” organizada no tempo, por uma numeração que o forma, o tempo faz parte por se tratar de uma seqüência; tempo/pensamento, assim o livro compõe “as partes” “na medida que as partes são assimiladas umas às outras na composição e na forma”. Desta forma podemos compreender que um livro reuni não só uma seqüência de idéias, mas o tempo em si. Ainda temos que entender o paradoxo da complexidade e da simplicidade quando diz: “o cérebro assimilou-se à mistura e, como dissemos a *anima rationalis* é simples” A essa questão Jung nos fala do efeito operacional da analogia; “Assim como a partir da multiplicidade das percepções sensoriais produz-se a unidade da psique e a simplicidade da idéia.”(JUNG, O.C.12, §377) Nesta linha de pensamento podemos compreender onde os pólos se unem, produzindo um efeito luminoso, como o efeito espiritual sobre a matéria.

Existe então algo metafísico a ser compreendido e sentido para a obtenção da “pedra”, e que o livro, como fonte filosófica, parece representar esse caminho.

Há escondida no corpo humano, uma substância metafísica conhecida por poucos e que no fundo não necessita de qualquer medicamento, pois ela mesma é um medicamento incorruptível.” “Este remédio é de natureza tríplice: metafísica, física, e moral. O leitor atento concluirá que se deve passar da metafísica para a física mediante um processo filosófico. (DORNEUS ,1602 Apud, JUNG, O.C.12, §377)

Jung afirma também que “os alquimistas começaram a compreender que sua obra estava ligada de algum modo à alma humana e suas funções” e compreende que o segredo da arte alquímica está oculto no espírito humano e portanto, em tempos modernos, no inconsciente.” E isto se daria “pela imaginação verdadeira e não pela fantasiosa”. A pedra é encontrada em todos os lugares, e em qualquer momento, e em todas as circunstâncias, quando a procura tem muito “peso” para aquele que a procura. Isto é afirmado em Rosarium Filósofico um texto alquímico cujo o autor é anônimo. (Ibid, §360) Mas o que “o livro” tem haver com isso tudo? Neste mesmo texto do Rosarium diz Jung, “Eles insistem, sem exceção, no estudo metuculoso dos livros e na meditação dos mesmos.”

Conseqüentemente, todos aqueles que desejam alcançar o beneficio desta Arte, devem dedicar-se ao estudo e haurir a verdade dos livros e não das fabulas inventadas ou obras mentirosas, porquanto esta Arte não será considerada verdadeira(muito embora o ser humanos esteja sujeito a muitas ilusões), a não ser depois de concluídos os estudos e do conhecimento das palavras dos filósofos (RICHARDUS ALNGLICUS apud JUNG, O.C.12, § 362)

Assim verificaremos que em muitos textos alquímicos existe a indicação de se estudar nos livros e de se fazer os registros do trabalho da Opus em códices. Isto revela também a alquimia como conhecimento. Como Jung cita; um outro autor alquímico, HOGHELANDE escreve o seguinte:

Ele deve colecionar livros de vários autores, sem o que sua compreensão será impossível, e também de tê-lo lido uma, duas ou três vezes; que o releia dez, vinte, cinqüenta vezes ou mais. Por fim, notará os pontos acerca dos quais concordam: ai é que está oculta a verdade. (IBID, § 364)

Este mesmo autor comenta que aquele que deseja realizar a Obra deve passar pelo estudo da filosofia universal, e essa lhe revelará aquilo que permanece oculto e desconhecido aos demais. “Eis por que a pedra não é uma banalidade, mas sim o âmago da nossa filosofia”. (Ibid, §365) Um outro autor, DIONYSIOS ZACHARIUS também citado por Jung, continua este mesmo tema dizendo que se “deve abster-se de gastos inúteis” e “dedicar-se de preferência aos estudos dos livros dos velhos

filósofos afirmam de travar conhecimento com a “vera matéria”(verdadeira matéria). Desta forma o trabalho dos alquimistas se relacionava não só em mexer na matéria, mas no intelecto simultaneamente e o livro é este “vaso” para o trabalho do intelecto. O ato de extrair a verdade, tão obstinadamente seguido como um caminho pelos alquimistas, encontra-se também na razão ou necessidade da razão(mens) e de ter uma inteligência invulgar, não só pelo fato de que executar a obra ser de grau de dificuldade extrema, mas também porque já se entendia que a mente humana possui um “poder mágico” inerente, capaz de transformar a matéria. (DORNEUS apud JUNG, O.C.12, p.272). Acredita-se aqui que o ser humano é de fato tanto o alvo como o processo para se chegar a pedra. “Na verdade, a forma que corresponde ao intelecto do homem é o começo, é o meio e o fim do processo; tal forma é revelada pela cor amarela, indício que o ser humano é a forma principal e a maior no *opus espagírico*”(Dorneus, in JUNG, O.C.12, §366). Na verdade estamos falando da transformação moral e intelectual do homem, em que a Arte Alquímica estava de fato voltada, e seu objetivo, a construção da pedra, era um termo simbólico ao qual Jung, denominou de individuação na Psicologia Analítica.

Um recorte de Jung em Psicologia e Alquimia diz que no tratado das tetralogias platônicas; *Liber Platonis Quattorum* consta o seguinte:

A “forma” age por “*informatio*”(que também é designada por “*fermentatio*”). “Forma é o mesmo que ideia. Ouro, prata, etc. São formas da matéria, por isso a possibilidade de fazer ouro quando se consegue imprimir a forma do ouro(*impressio formae*) à “*informis massa*” ou ao caos, isto é, à prima matéria. (JUNG, O.C.12, p 272, Cit.47)

Temos aqui um caminho entre a intuição e o intelecto onde o códice, o livro, participa na verdade de ambos, tornando-se uma ponte entre matéria e espírito. Com atenção ao fato que o imprimir, o desenhar e escrever em um códice tem uma função singular, parece que esse movimento, o qual vemos como uma representação, possui “função transcendente⁹” que levava ao alquimista a “prima matéria”. Este é um ponto importante na alquimia, chegar a prima matéria, eles se

⁹ A Função Transcendente foi apontada por Jung como um terceiro elemento que age entre o ego e o inconsciente.

dedicavam incansavelmente para encontrar a prima matéria pois acreditavam que a partir daí a obra tinha seu início. Edinger enfatiza este ponto, trazendo para o presente a importância de entrarmos em contato com a nossa “prima matéria”¹⁰ :

O homem moderno deve proceder mais ou menos como o alquimista. Não podendo recorrer à redenção passiva por intermédio das imagens sacras, deve depender de seus próprios esforços ativos no sentido de trabalhar sua *prima matéria*, o inconsciente, na esperança de libertar e trazer à consciência a natureza suprapessoal da própria psique. Este é o tema central do desenvolvimento psicológico, em todas as suas fases, e é um processo de redenção. (EDINGER, 1995, p.150)

O curioso aqui é como um processo intelectual alcança um conteúdo etéreo, digamos, espiritual e que este processo se encontra dentro da matéria? Como já vimos acima, Jung explica que “existe uma identidade inconsciente entre a psique do alquimista e a substância arcana ou substância de transformação: o espírito criativo dentro da matéria.”(JUNG, O.C.12, §367) Segundo Jung, parece que existe uma série de correspondências entre o “opus alquímico” e os processos paralelos filosóficos e psicológicos (aqui temos um canal de entendimento para esta ponte entre: a filosofia e a psicologia e a espiritualidade). Por essa razão é que se pode perceber como a química da matéria processa e coincide com fatores espirituais ou psíquicos, melhor dizendo. Porém para essa alquimia ou transformação da matéria acontecer, o operador deve estar presente, “estar presente na obra”. Jung comenta que há uma conexão íntima entre o ser humano e o segredo da matéria, e que o intelecto parece ser esse “atravessador” entre um estado e outro, ou seja a matéria e o espírito. Nos vemos aqui, diante do que chamamos de uma polaridade, um paradoxo, a matéria/intelecto, onde o procedimento da Opus está em operar em ambos simultaneamente. Os alquimistas faziam as suas experiências na matéria e na maior parte em metais e em seguida, a formulava seus códigos, uma espécie de projeção dos conteúdos anímicos na matéria. Consta em *Liber Quartorum* que o “operador deveria estar à altura de sua tarefa; este devia realizar em si próprio o processo que atribuía a matéria”. “Uma vez que as coisas são levadas a perfeição pelo que lhe é

¹⁰ Teremos uma melhor explicação sobre a Prima Matéria no capítulo 4.

semelhante.(JUNG,Ibid, §375) Neste caso temos o livro como a “prima-matéria” e a obra simultaneamente, causa e efeito acontecendo ao mesmo tempo. O Lápis Filosófico, também é a pedra filosófica, o livro é o objeto que reuni o conceito de ambos, (lápis=escrita=pedra). E foi exatamente o que Jung fez em seu Livro Vermelho, “experimentou-se” em um códice.

Um outro aspecto importante na confecção do Livro Vermelho foi o uso da mente intuitiva e racional operando em conformidade e permitindo que este se desloque para o campo criativo¹¹. De fato o mundo da modernidade não tem dado a devida atenção à intuição, com raras ressalvas de cientistas que definem esse caminho como quase prioritário das suas investigações (como exemplo: Peter Higgs, Albert Einstein). Porém estudiosos do campo da psicologia, filosofia e arte como Rudolf Arnheim e C.G.Jung afirmam que é nesta duplicidade, a da mente que usa a intuição e o intelecto, é que “sustentam todas as operações da aprendizagem produtiva em todos os campos do conhecimento” (ARNHEIM, 2004, p.13). Ele segue dizendo que é empregando essas duas funções estamos utilizando tanto o hemisfério direito como o esquerdo do cérebro, visto assim, a intuição que se orienta pelo lado direito do cérebro adquire “um lugar”, pois é entendida como um dom que não vem de lugar algum. Já o intelecto morador do lado esquerdo, adquiriu com a modernidade uma cadeira cativa. Mas é precisamente no uso de ambos e de preferência simultaneamente, que parece haver uma sinapse, onde um certo efeito de transcendência pode acontecer. À Isto Jung designa de função transcendente, que é vista por Jung como um agente do equilíbrio psíquico, nela consiste na união dos conteúdos conscientes e inconscientes do ser. E é nesta permeabilidade que a criatividade mora.(JUNG, O.C.8/2, §182)

Arnheim define bem essa busca sofisticada, criativa de auto-conhecimento, por Jung no Livro Vermelho quando coloca que:

A intuição e o intelecto são os dois processos cognitivos. Por cognição entendo, aqui, a aquisição de conhecimento no sentido mais amplo do

¹¹ Assim a psicologia depois do O LIVRO VERMELHO indica um caminho que se deva usar a imaginação e conseqüentemente a criatividade.

termo. Assim entendida, ela vai desde o registro mais elementar de sensações até os registros mais sofisticados da experiência humana. (ARHEIM, 2004, p.15)

Jung em seu Livro Vermelho usa a “*Vera Imaginatio*” ou seja uma forma de imaginação ativa em que conteúdos inconscientes se manifestam a consciência por uma espontaneidade imaginativa, o que Arheim chama de “registros sofisticados da experiência humana.” Tais registros se encontram no arcabouço pertencente ao inconsciente coletivo, pelo qual Jung se dispôs em diálogos e imagens. Assim entendemos por sofisticado a profundidade como ele lida com tais conteúdos, que de alguma forma é onde também encontramos o nosso sofisticado processo mitológico e simbólico.

Segundo Cassirer, Kant entende o movimento intuitivo como um veículo que nos levará a natureza e os limites do intelecto humano (CASSIRER, 2005, p.96) “Este último é um entendimento discursivo” e que depende de dois elementos heterogêneos. Não podemos pensar sem imagens, e não podemos intuir sem conceitos. “Os conceitos sem intuição são vazios; as intuições sem conceitos são cegas.” Cassirer parafraseia este trecho das obras críticas de Kant dizendo ainda que, o que intelecto humano na verdade precisa é de símbolos. “O conhecimento humano é por sua própria natureza um conhecimento simbólico. E é este traço que caracteriza tanto a sua força como as suas limitações.” (CASSIRER, 2005, p.96) Aqui temos uma ponte para as “imagens simbólicas”, as que Jung utiliza no Livro Vermelho, e são essas que ele acreditava que de fato leva ao auto-conhecimento. Cassirer nos diz que “para o pensamento simbólico é indispensável que se faça uma distinção clara entre real e possível, entre coisas reais e ideais”. E que “no pensamento primitivo é muito difícil diferenciar essas duas esferas”. Mas como veremos mais adiante, Jung estava de fato interessado em entrar em contato com essa “mente primitiva”. Cassirer também nos informa que “um Símbolo não tem existência real no mundo físico; tem um sentido”. (CASSIRER, 2005, p.97) E é neste “sentido” que o trabalho do Livro Vermelho proporciona a Jung, a “viver” através das imagens, dos seus símbolos.

É nesta dialética entre matéria e espírito que consiste a Opus Alquímica e também o

desenvolvimento da personalidade como acreditou Jung. Cassirer também nos diz; que por meio do pensamento dialético e dialógico¹² é que podemos abordar o conhecimento da natureza humana. Neste caso temos como dialética, a matéria X espírito. O ser é tanto corpo, matéria, consciência, como também é pensamento, espírito, inconsciente e ambos lados deste ser, podem ser reconhecidos pela imagem. Como também o mundo, espiritual, intuitivo também se revela através de “imagens”. Assim a imagem parece ser então o elo dos hemisférios cerebrais, dos universos consciente e inconsciente, e a relação direta com função transcendente apontada por Jung. Lembrando ainda que o Livro Vermelho consiste em boa parte de diálogos, em forma de imaginação ativa, da consciência(ego) com a psique objetiva.¹³

Os alquimistas acabavam por relacionar o ser, principalmente aos metais, o que parece ser uma antítese para filosofia platônica ao associarmos com o mundo das ideias. Mas quando percebemos que o metal é por natureza um condutor, podemos nos aprofundar nestes conceitos pela essência desta comparação, entendendo que o homem possui também esta natureza transcendental no sentido mental, espiritual. Por outro lado, segundo Arnheim, Platão também considera “a intuição como o mais alto nível da sabedoria humana visto que proporcionava uma visão direta das essências transcendentais, às quais todos os fatos da nossa experiência devem a sua presença”(ARNHEIM, 2004, p.15) Desta forma esses alquimistas demonstravam-se visionários, se os analisarmos como abordamos hoje à filosofia metafísica. Jung acaba por ir ao encontro desta sabedoria elevada, por meio do seu processo intuitivo, como já vimos, pode-se associar à tais transcendências o sentido das imagens que ele captava da psique objetiva, onde os filósofos a chamam de Sophia e os alquimistas de Ouro Filosófico. Este movimento é como Jung se refere ao espiritual. Um ser sábio neste sentido é um ser espiritualizado no mais alto grau.

¹² Entendendo por pensamento dialético as aparentes contradições que o símbolo em si implica, mas que fazem parte de um mesmo sentido. E dialógico quanto é possível um entendimento (dual) dentro de uma mesma linguagem.

¹³ Ver sobre psique objetiva no capítulo três(3).

Como o Livro Vermelho é composto de textos e de suas iluminuras simbólicas, devemos perceber que o significado do termo “Iluminura” está associado a imagem que de alguma forma participa da tradição bidimensional do fólio de pergaminho ou papel, associada a um texto. Não sendo especificamente uma ilustração pois é de natureza simbólica e por isto possui sentido de meta-imagem. A Iluminura existe para “iluminar” um texto.¹⁴ Neste sentido compreendemos a preocupação de Jung em pintar suas imagens internas, como iluminuras, miniaturas que se prestaram ao papel do conceito gráfico de suas representações imagéticas. Assim a Iluminura da arte medieval, por representar todo um contexto que vai além da imagem em si, pois ela esboça um espírito de época voltado a conexão com o sagrado, é que poderia verter os conteúdos de seu imaginário, iluminando o Livro Vermelho. Ele almejava essa luz, essa “consciência maior.”

Estas miniaturas, este compacto de imagens, se tornaram uma ponte transcendental à compreensão destes conteúdos vindos do imaginário, estão carregadas de forças anímicas, deram assim a origem da geração dos símbolos alquímicos. Visto isto, as iluminuras dos alquimistas, enquanto um símbolo alquímico confere uma certa “magia” na representação de seu conteúdo. Mas como todo conteúdo esotérico, a alquimia não trata, apenas, de transformações materiais. Para os que compreenderam a razão da verdadeira alquimia, conseguiram realizar a única transformação que vale a pena: *a alquimia espiritual*. Sob este aspecto, a alquimia se apresenta como um manual voltado para busca espiritual. Jung entendeu que a alquimia estava ligada ao processo psíquico, no qual o indivíduo explora o material negro do seu inconsciente na tentativa de transformar a mente consciente, alcançando a luz espiritual e descobrindo a si próprio. Como Jung cometa:

Qualquer que seja a sua causa, o numinoso constitui uma condição do sujeito, e é independente de sua vontade.”” O numinoso pode ser a propriedade de um objeto visível, ou o fluxo de uma presença invisível, que produzem uma modificação especial na consciência. Tal é, pelo menos a regra universal.(JUNG, O.C.11/1, §6)

¹⁴ De Paula, Marcus Vinicius - Tese de doutorado, departamento de Artes e Design, PUC-RJ, 2008

Um símbolo genuíno nos termos de Jung não é uma designação abstrata livremente escolhida ligada a um objeto específico por convenção (tais como signos verbais ou matemáticos), mas a expressão de uma experiência espontânea que aponta para além de si mesma na direção de um significado que transcende o racional, pois o limitaria. Como afirma Jung:

... Não se trata de um signo arbitrário ou intencional que representa um fato conhecido, mas de uma expressão admitidamente antropomórfica – portanto, limitada e apenas parcialmente válida de algo supra-humano e apenas parcialmente concebível. Pode ser a melhor expressão possível, no entanto ela se classifica abaixo do nível de mistério que procura descrever. (JUNG, Apud WHITMONT, 1995 p.18).

O fato de Jung ter se dedicado bastante à expressão visual, casando o imaginário à ciência, faz de sua obra uma linguagem amplificadora da consciência, onde podemos perceber o indizível e significá-lo.

Ernest Cassirer refere-se ao símbolo como uma chave para entendermos a natureza do homem e reconhece que este;

... não vive em um mundo de fatos nus e crus, ou segundo suas necessidades e desejos imediatos. Vive antes em meio a emoções imaginárias em esperanças e temores, ilusões e desilusões, em suas fantasias e sonhos. Não estando mais em um universo meramente físico, o homem vive em um universo simbólico. A linguagem, o mito, a arte e a religião são partes desse universo. (CASSIRER, 2005, p.49)

Assim como Gilbert Durand também reconhece a natureza não linear do símbolo:

O símbolo, não sendo já de natureza linguística, deixa de se desenvolver numa só dimensão. As motivações que ordenam os símbolos não apenas já não formam longas cadeias de razões mas nem sequer cadeias. A explicação linear do tipo dedução lógica ou uma narrativa introspectiva já não bastam para o estudo das motivações simbólicas. (DURAND, 2002, p.32)

E Durand prossegue dizendo que “o caráter pluridimensional, portanto “espacial” do mundo simbólico é essencial.”(DURAND, 2002, p.32) É nesta complexidade que Jung se debruça para tecer um caminho à uma melhor compreensão do ser.

Este caminho que reúne matéria e psique, leva o alquimista a encontrar sua linguagem. Existe então uma linguagem pseudoquímica que era revestida pelos símbolos alquímicos e seus textos herméticos nos livros onde foram guardados. O fato de se esconder o caminho da “Pedra” ou do “Ouro” que os alquimistas possuíam como um segredo, indica dois aspectos: Um que eles não queriam que tais informações caíssem em mãos erradas, podendo provocar um desastre e outro que o caminho que dificultava esta informação era pertinente no que diz respeito ao uso do intelecto de forma incomum, dificultosa como um quebra cabeças, pois a obtenção do ouro filosófico também residia neste processo laborioso da mente. Jung nos relata que seria muito provável, que os alquimistas por razões psicológicas, tinham a mania pelo segredo, fosse pelo fato de que quando a humanidade “descobre algo de real, isso é geralmente divulgado com alarde”. Ele ainda comenta que: “De fato os alquimistas tinham pouco ou nada a divulgar no tocante à química e ainda menos ainda no tocante à fabricação do ouro” como metal.(JUNG, O.C.12, §343) O que na verdade Jung percebeu através dos antigos textos alquímicos; foi que eles “lidavam mais com as experiências internas, pessoais, dos alquimistas – cheias, como eram de referências a transformações espirituais – do que com relatórios sobre seus procedimentos no laboratório”(BAIR, 2006,v.2, p.57)

Voltando a compor o que de fato representa e como funciona o livro para os alquimistas, segundo Jung; seria a elaboração das suas idéias em um códice a partir da representação dos conteúdos inconscientes que foram projetadas na matéria, porém de forma espontânea, involuntária e sem a real consciência do que esse movimento poderia afetar à psique. Na verdade a Obra Alquímica vai tratar do confronto com o inconsciente, que por sua vez se dá através de imagens, mas a Opus consiste no paradoxo entre a mente racional e a mente fantasiosa. Como Jung nos informa em Estudos Alquímicos:

Tratava-se do confronto alquímico com o inconsciente, do Labor Sophiae de Paracelso. Por um lado, tal confronto é o esforço de compreender o

mundus archetypus da alma: por outro, é a luta contra o perigo da fascinação que ameaça o lado racional, o qual procede das alturas e profundidades incomensuráveis do paradoxo da verdade anímica sem mediação. (JUNG, O.C.13, §210)

Sendo assim, o códice não poderia ser somente constituído pela escrita, o lado racional da mente, deveria conter o outro lado, a fantasia representada ou sendo as próprias imagens vindas dessas projeções, chamemos então de mente intuitiva. O Livro torna-se um “recipiente” ideal para conter ambas as mentes e abrigar o paradoxo necessário para a obra acontecer. A “Pedra” trata-se na verdade do confronto do homem com sua própria origem. Como Jung comenta sobre um antigo tratado, *Consilium Coniugii* que explica que: “O homem filosofal é feito das quatro naturezas da pedra”... e isto nos leva à idéia do *Anthropos*¹⁵, como uma representação da totalidade do homem.(JUNG, O.C.12, §209, 210)

O livro aparece também como símbolo do segredo divino, que só é confiado ao iniciado. (Chevalier 2007) Chevalier tece algumas considerações que vão ao encontro deste percurso, o de confeccionar um livro alquímico, ser tão significativo e decisivo na Obra de Jung:

Se o universo é um livro, é que o livro é a Revelação e, portanto, por extensão, a manifestação. O *líber Mundi* é ao mesmo tempo a Mensagem divina, o arquétipo qual os diversos livros revelados não passam de especificações, traduções em linguagem inteligível. (CHEVALIER, 2007, p.555)

De fato Jung procurou uma linguagem própria, mas com o viés na conduta alquímica. O percurso do Livro Vermelho tem uma diferença significativa em relação aos livros compostos pelos alquimistas, Jung foi buscar o conteúdo deste livro, diretamente da sua fonte inconsciente, na mente primitiva, nos seus sonhos e na imaginação ativa, esta é a forma de Jung para “mexer na matéria,” assim este método passa a ser a representação de sua *prima matéria*¹⁶, onde ele mesmo se

¹⁵ *Anthropos* como ser que entrou no processo de individuação, o ser mais ligado a sua totalidade ou *self*.

¹⁶ Ver no capítulo 4 o significado mais completo sobre *Prima Matéria*.

colocou como objeto deste processo. É desta forma que ele verte estes conteúdos em um códice de imagens e textos. Por esse motivo até poderemos enxergar o Livro Vermelho como um novo método para o um “processo moderno” da alquimia. Jung precisou de um grande esforço racional para elaborar uma linguagem que fosse própria, mas sem ter uma real noção de onde esta obra acabaria, ele acaba por criar um mecanismo que pode servir também a todas as pessoas, como exemplo de um processo altamente complexo e que aponta em direção a individuação. Além do que, a obra também comporta símbolos pertencentes a toda humanidade. Jung se deparou, como os arquétipos do processo da formação da consciência humana, o que também implica um caminho rumo a espiritualidade e entendimento do mito ou divindade que habita cada ser. Estes conteúdos pertencem ao inconsciente coletivo¹⁷. Como Bair¹⁸ comenta:

Quando leu antigas obras alquímicas, Jung encontrou paralelos interessantes entre seus autores e muitos textos criados por religiosos místicos, anacoretas e outros visionários, especialmente dentro da tradição cristã. Para ele a alquimia tratava mais do processo de crescimento interno, que ele chamava de individuação, e, como tal, tornou-se a metáfora dele para o processo de transferência no interior do encontro analítico, à medida que esse processo evoluiu em sua psicologia (BAIR, 2006, v.2, p.57)

Liber Novus, é o nome alquímico do Livro Vermelho. Acredito que esse nome também se deu pelo motivo de ter tido este diferencial comentado acima, que é diferente do processo de formação dos livros de alquimia. Os alquimistas mexiam na matéria, e através desta técnica obtinham revelações que surgiam como aparições, imagens formativas de seus símbolos e códigos. (Como também pode-se entender que as imagens de Jung acontecem como aparições, revelações.”) Porém o nome; Livro Vermelho parece fazer parte dos processos alquímicos chamados de Nigredo, Albedo, Citrinitas e Rubedo. Em muitos textos alquímicos só é referido três etapas; Nigredo, Albedo e Rubedo uma vez que a Citrinitas e a Rubedo tem características

¹⁷ A explanação mais completa sobre o inconsciente coletivo está no capítulo seguinte(3).

¹⁸ Deirdre Bair é autora da primeira Biografia de C.G. JUNG

bem próximas no que diz respeito ao efeito espiritual. Como podemos observar pelas cores nas imagens alquímicas abaixo; a Rubedo junto com a Citrinitas como uma das cabeças e também no mesmo vaso Albedo e Nigredo.



(Figura 10) Iluminura Alquímica. Cabeças de dragão indicando Albedo Rubedo e Nigredo.

A Nigredo, O Albedo, Citrinitas / Rubedo são quatro etapas denominadas pela alquimia, características de quando o processo está ocorrendo. Segundo os alquimistas a matéria passaria por esses estágios:

- **NIGREDO:** ou Operação Negra, é o estágio em que a matéria é dissolvida e *putrefacta*, associa-se que essa operação seria feita pelo fogo ou calor. Em termos psíquicos, a relacionamos ao próprio material inconsciente. Aos complexos que estão escondidos na psique objetiva, por exemplo, uma depressão pode ser considerado um estado de Nigredo.

- **ALBEDO:** ou Operação Branca, é o estado em que a substância é *purificadae* está associada a ablução com *Aquae Vitae*, à luz da lua, feminina e à prata. Uma tomada de consciência dos aspectos inconscientes que ainda não foram revelados mas que são vitais para o auto-conhecimento é albedo.

- **CITRINITAS:** ou Operação Amarela, é o estágio em que se opera a transmutação dos metais da prata em ouro, ou a luz da lua passiva em luz solar, ativa. Neste

estágio é sentido com mais força a tomada de consciência ela é esse conhecimento que nos agita tem ainda mais força anímica.

- **RUBEDO**: A operação Vermelha; é o estágio final, em que se produz a Pedra Filosofal, o culminar da obra ou casamento alquímico. Esta parece simbolizar o processo de individuação anunciado por Jung, a grande transformação ocorreu e agora é compartilhar com o mundo este benéfico. Abaixo: Nigredo, Albedo e Rubedo



(Figura 11)

E como sabemos Jung começou esse processo com o seu Livro Negro e depois se encaminhou para o Livro Vermelho. Assim o Livro Vermelho se inscreve na dimensão da Rubedo e é onde Jung deposita seu material anímico, sua anima¹⁹, o motivo e o objeto de sua Opus. Para uma melhor compreendermos essa afirmação encontrei um bom exemplo nas próprias palavras de Jung: “A Anima pode dar a alguém ideias muito estranhas: ela pode por exemplo dar aquela qualidade peculiar que faz um homem conduzir sua vida como um tipo de aventura ou saga, fazendo da missão a meta de toda sua vida.”(JUNG, 2014, p.74)²⁰

“Pelo estudo dos filósofos o homem torna-se capaz de atingir esta pedra. E esta última, por sua vez, é o homem.” Porém para cumprir essa meta é preciso de uma motivação além de um simples desejo, é uma obstinação, uma meta.

¹⁹ No capítulo 3, tem a explicação sobre Anima no conceito Junguiano.

²⁰ No ano de 2014 foi publicado pela editora vozes uma compilação dos Seminários Sobre Análise dos Sonhos feitos nos anos 1928-1930, período onde Jung encerra as atividades do Livro Vermelho.

Jung estava a procura de sua própria linguagem, oscilando sua mente intuitiva com a sua mente racional²¹, entende que era preciso “recuperar um pedaço da Idade Média dentro dele mesmo” razão pela qual escolhe utilizar de recursos da pintura da arte medieval e muitas vezes usa caligrafia gótica e alemão medieval.(Livro Vermelho, Introdução p.216) Nesta busca bastante elaborada, ele encontra também com seu mito pessoal. Acredito que representado pelo herói mitológico Izdubar, este personagem aparece em várias cenas do livro, trajando uma roupa listrada de azul e branco. Jung tinha imenso respeito e temor pela figura primitiva, mitológica, o que se assemelha aos heróis da antiguidade. Assim ele acaba por garantir mais que uma linguagem própria, mas também uma cosmologia pessoal, como Shamdasani²² indica no Livro Vermelho.

Walter Boechat nas suas considerações a respeito do Livro Vermelho²³ também indica que Izdubar pode ter sido uma figura mítica de inspiração na travessia imagética do Livro Vermelho:

O confronto de Jung com Izdubar representa na verdade o confronto do pensamento racional consciente(Jung) com o pensamento mitológico do inconsciente(Izdubar). As diversas ilustrações desse encontro mostram um Jung como uma figura diminuta respeitosa, frente a um Izdubar gigantesco. Izdubar representa toda a tradição que a humanidade traz em sua história memorável, todas as suas aquisições e aprendizados depositados como memória ancestral no inconsciente coletivo.(BOECHAT, 2014, p.67)

Assim também temos indicações simbólicas, mitológicas de referência à um herói, suficientes para garantir que tal processo de individuação possa ser considerado

²¹ Em Símbolos da Transformação, Vol. V das Obras Completas, Jung discorre sobre dois tipos de pensamento, um linear ,racional indicado pela consciência e outro circular, mitológico mais perto do inconsciente. E diz que a síntese destes dois pensamentos quando elaborados de forma simbólica, criativa, leva o indivíduo ao processo de individuação, adquirindo assim sua própria linguagem.

²² Sonu Shamdasani é quem editou e escreveu a introdução do Livro Vermelho publicado em 2010.

²³ O livro vermelho de C.G.Jung, *Jornada para profundidades desconhecidas* editado pelas Vozes em 2014.

como processo do Livro Vermelho. Izdubar também é conhecido como Gilgamesh,²⁴ Jung tece um interessante comentário sobre esse herói que vai nos ajudar na compreensão da individuação apontada como importante uma trajetória do homem no mundo:

No mito de Gilgamesh, a ideia do Homem Perfeito, o Homem Completo, aquele formado por dois terços divinos e um terço humano. Ele é o homem da tristeza e da alegria, aquele que faz os dois movimentos, para as alturas e para as profundezas. Gilgamesh é mostrado em sua maior alegria e em profundo desespero(JUNG, 2014, p. 113)



(Figura 12) Um alto relevo da figura mítica de Izdubar²⁵.

As associações com serem imortais, ou deuses faz com que nosso processo existencial ganhe um sentido ontológico e por isso coletivo, imperativo na individuação. Jung expressa essa visão quando diz que:

O homem de fato é mortal, mas há exceções, existem homens imortais, ou alguma coisa em nós que é imortal. Assim os deuses ou um Chidr ou um Comte de St.Germain são aquela parte nossa imortal que paira algures, inatingível. A comparação com o sol sempre de novo nos mostra

²⁴ (Gilgamesh, Galgamishul, anteriormente também escrito/lido como Izdubar): Rei de Uruk, filho de Lugalbea e Ninsun no épico do mesmo nome. Nome pode significar "o antigo ancestral tornado jovem" em sumério. Chamado de deus em alguns textos antigos. Epíteto mais recente: Rei da Terra.(Glossário da região da Mesopotânea)

²⁵ Izdubar (Nimrod) em luta com um leão. Geralmente se considera que Izdubar seja o mesmo personagem que Gilgamesh, um poderoso herói/rei da Suméria por volta de 3500 A.C. que era conhecido por suas façanhas de força e derrota de muitas criaturas perigosas. Deificado após sua morte, Gilgamesh foi a maior figura no mito e lenda Mesopotâmica por milênios. Também é visto como Hercules.

que a dinâmica dos deuses é energia psíquica; ela é a parte imortal, representando aquele elo através do qual o homem se sente integrado para sempre na continuidade da vida(JUNG,O.C.5, §296)

Cassirer continua nos afirmando que mito e linguagem para a mente primitiva são como

“irmãos gêmeos”, pois baseiam-se na natureza social antes que a física, na medida que transfere essa experiência social para a totalidade da natureza. Jung também estava em busca desta natureza primitiva dentro de si, porém sem perder o seu intelecto. Então O Livro Vermelho é um resgate de várias partes da personalidade de Jung, a do seu ser mais universal, ligado a totalidade.

Como foi dito; o encontro de Jung com os primeiros textos da alquimia²⁶, teve início em 1910 e sob a influência dos trabalhos de Théodore Flournoy e Herbert Silberer, Jung prosseguiu suas atividades com uma “perspectiva alquímica” até 1930, quando parou de trabalhar diretamente no *Liber Novus*. A compreensão destas teses se baseava em dois pontos fundamentais: A que a prática alquímica em laboratório estava relacionada a uma forma de prática de imaginação ativa e que o conjunto dos símbolos e dos textos alquímicos, revelados pelos alquimistas, compartilhavam do mesmo processo que Jung e seus pacientes haviam se empenhado, o processo da individuação. (Livro Vermelho, 2010, p.219)

Jung, nos seus escritos em *Livros Negros*, começou com os seus experimentos a elaborar um códice, em que visava um mergulho, um aprofundamento em si mesmo, desta forma ele mexe em seu próprio material psíquico com suas próprias fantasias, através de imaginação ativa, como ele posteriormente as denominou, assim ele se dispõe ao confronto com o inconsciente. Porém estes experimentos acabam por assemelhar-se ao dos alquimistas nos processos da arte alquímica, sem ter um intuito totalmente consciente do que estava fazendo, mas de maneira

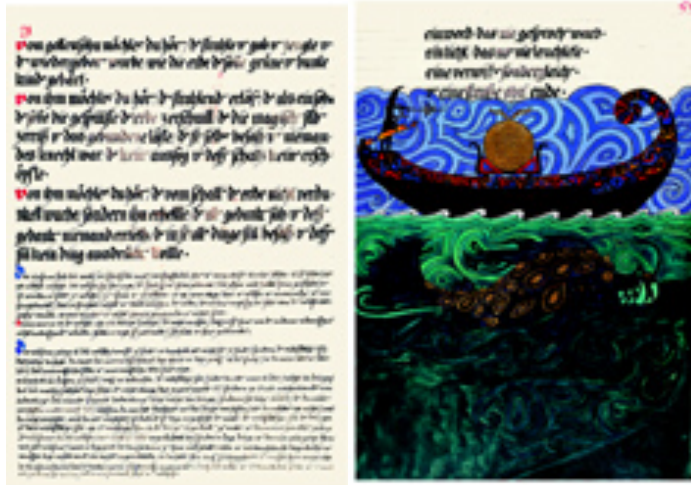
²⁶ “Em 1912, Théodore Flournoy apresenta uma interpretação psicológica da alquimia em suas preleções na Universidade de Genebra e, em 1914, Herbert Silberer publicou uma extensa obra sobre o tema, In *Liber Novus* p.219

espontânea. A isto podemos atribuir uma distinção das atividades dos alquimistas, no sentido que eles mexeram em seu material psíquico de forma inconsciente, acidental. Podemos dizer que Jung mexe na “matéria” quando mexe em suas imagens. Os Alquimistas através destes experimentos de mexer na matéria, principalmente, nos metais, também tiveram a necessidade de formular seus códices. O Livro faz parte deste “achado”! A confecção de um códice, parece exercer na psique uma organização própria, para o homem, que “saiu da natureza” e se dirige à uma busca no próprio entendimento existencial.

Temos alguns livros que são exemplos emblemáticos dos processos da alquimia registrados em livros; como o **MUTUS LIBER** ou o Livro Mudo, um breve tratado de alquimia que se compõe somente de imagens, autor desconhecido. **LÍBER PARAMIRUM** de Paracelso, um tratado sobre doenças e medicina. O **SPLENDOR SOLIS**, este livro é também sobre alquimia, constituído de imagens e textos em alemão, sendo que as imagens são bastante requintadas, pintadas como quadros moldurados de dourado, suas imagens certamente pertencem ao simbolismo alquímico, como se pode observar abaixo:



(Figura 13) Iluminura e texto do Splendor Solis



(Figura 14) texto e Iluminura e do O LIVRO VERMEHO

Bibliografia estruturante:

- ARNHEIM, Rudolf . **Arte e Percepção Visual**, 2 ed. São Paulo: Pioneira editora, 1984.
 _____ . **O poder do Centro**, Rio de Janeiro: Edições 70, 1988.
 _____ . **Intuição e Intelecto na Arte**, São Paulo: Martins fontes, 2004.

- BAIR, Deirdre. **Jung uma biografia V 1 e 2**, São Paulo: Globo, 2006.

- CASSIRER, Ernest. **O Ensaio sobre o Homem**, São Paulo: Martins fontes, 2005.
 _____ . **Linguagem e Mito**, São Paulo: Perspectiva, 1972.
 _____ . **A Flosfia das Formas Simbólicas** , 1- A linguagem, São Paulo: Martins fontes, 2009.
 _____ . **A Flosfia das Formas Simbólicas** , 2- O Pensamento Mitico, São Paulo: Martins fontes, 2004.

- DIDI-HUBERMAN, George. **Ser Crânio**, Belo Horizonte, Editora C/Arte, 2009.
 _____ **Diante da Imagem**, São Paulo: Editora 34, 2013.

- EDINGER, Eduard F. **Ego e Arquétipo**, São Paulo: Cultrix, 1995.
 _____ . **Mistério da Conuinctio**: Imagem Alquímica da individuação, São Paulo: Paulus, 2003.
 _____ . **A Ciência da Alma**: uma perspectiva junguiana, São Paulo: Paulus, 2004.
 _____ . **Anatomia da Psique**: o simbolismo alquimico na psicoterapia, São Paulo: Cultrix, 2006.

- DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**, 3 ed. São Paulo: Martins
- FRANZ, Marie Luise. **Mitos de Criação**, São Paulo: Paulus, 2003.
- _____. **Adivinhação e Sincronicidade**, São Paulo: Cultrix, 1993.
- _____. **Alquimia**, Introdução ao simbolismo e à Psicologia, São Paulo: Cultrix, 2004.
- JUNG, C.G. **As Obras Completas**, Petrópolis: Vozes.
- JUNG, C.G. **O Livro Vermelho**, Petrópolis: Vozes, 2010.
- NEUMANN, Erich. **História da origem da consciência**, São Paulo: Cultrix, 2006.
- _____. **A Grande Mãe**, São Paulo: Cultrix, 2006.
- WHITMON Edward C. **A Busca do Símbolo**, São Paulo: Cultrix, 1995.